

Instituto Sedes Sapientiæ
Curso de Pedagogia Simbólica Junguiana
1º Ano
Curso de Supervisão com Técnicas Expressivas
3º Ano
Curso de Psicologia e Psicopatologia Simbólica Junguiana
6º Ano

Docente: Dr. Carlos Amadeu Botelho Byington

Reflexões sobre a aula 5 – 09.04.2015

Nesta aula, reiteramos a importância do Arquétipo Matriarcal e de sua posição insular (ilha) da polaridade Ego-Outro na Consciência.

O Arquétipo Matriarcal está presente na psique da mãe e do pai, da mulher e do homem e sua essência é a sensualidade. Ele forma ilhas na Consciência, cercadas por inconsciência, com símbolos e funções estruturantes que podem corresponder aos sentidos como a visão, a audição ou às emoções como o ciúme, a inveja, a agressividade, a afetividade e tantas outras quantas são os símbolos e funções estruturantes.

A sensualidade aproxima muito o Ego do Outro, de tal forma que o Arquétipo Central pode expressar os polos das polaridades formando ilhas de sensualidade. Isso torna o corpo muito mais proeminente que a mente e o inconsciente que o consciente, quanto mais jovens formos. É comum as crianças expressarem a raiva num momento, numa ilha, e, logo depois, o afeto em outra ilha, normalmente. Uma criança de um ano de idade com fome, por exemplo, pode ficar muito frustrada e agressiva e até urrar de raiva. Depois de mamar ou tomar a mamadeira, porém, pode se tornar dócil e afetiva, sem parecer a mesma pessoa. É a intimidade entre o Ego e o Outro que permite essa formação de ilhas e de metáforas presentes, em muitos contos de fadas, mitos, sonhos e sintomas, como por exemplo, muitos delírios psicóticos.

Erich Fordham relata em seu livro sobre sonhos *A Linguagem Esquecida*, que um homem de meia idade havia sonhado que estava pegando fogo. Uma semana depois, ele teve um surto psicótico.

A energia psíquica é frequentemente representada pelos elementos, como a água e o fogo. Por isso, o afogamento e o incêndio são frequentemente a expressão metafórica da invasão da Consciência pela energia psíquica.

No filme de Ingmar Bergman *Através de um Espelho* vemos a jovem Karen, casada com um médico agnóstico, ter uma vida mística que a desestrutura e provoca um surto psicótico. Ela acabara de ter um envolvimento incestuoso com seu irmão mais jovem, que muito a mobilizara. Seu marido é materialista e não a acompanha nas suas imaginações esotéricas. Ela pede a ele que se ajoelhe com ela, pois está prestes a ter uma visão de Deus. Ele o faz e, ao invocar Deus, ela vê uma grande aranha com expressão fria ameaçadora. A aranha tenta entrar no seu corpo e ela a repele, mas a aranha tenta, então, entrar no seu peito e ela entra em surto psicótico, necessitando ser medicada por seu marido.

Karen havia perdido sua mãe muito cedo e sofria de uma grave fixação por abandono no seu quaternio primário. Seu dom mediúnico e suas vivências esotéricas faziam-na sentir a presença de Deus e a busca da totalidade. Ao invocar Deus, junto com seu marido, no que podemos considerar uma imaginação ativa, ela tem uma alucinação e vê Deus sob a forma de uma aranha com um rosto frio e cruel. Ao sentir que ele quer penetrar dentro dela, isso pode significar a sexualização defensiva da psicose, representada pelo episódio incestuoso com seu irmão. Ao fugir da aranha que vem entrar no seu peito, sua consciência é invadida por sua Sombra e ela entra num franco surto psicótico. Ao ser medicada por seu marido e recuperar o controle do seu Ego, ela afirma que viu Deus.

O símbolo da aranha, com sua teia, forma uma grande mandala que expressa o Arquétipo Central e, também, o Arquétipo Matriarcal, que tem o aconchego e o acolhimento, mas, também, quando fixado e defensivo, prepara a armadilha que prende, mata e devora suas presas.

A busca mística da totalidade é sempre muito perigosa, pois, como sabemos, o Self envolve o Bem e o Mal. Assim, ao querer Deus, podemos encontrar o demônio. Foi o que aconteceu com Karen. Ao invocar Deus, ela ativa a gravíssima fixação matriarcal, regride, seu Ego entra na possessão defensiva psicótica pelo Arquétipo Central e pelo Arquétipo Matriarcal. A frieza e a crueldade da face de Deus, que aqui representa o Diabo, correspondem ao sofrimento e à crueldade que ela teve durante a vivência de abandono que gerou sua fixação.

Não concordo com o conceito de um inconsciente normal autônomo que gera fenômenos psíquicos. Para mim, **toda vivência psíquica ocorre junto com a polaridade consciente-inconsciente em maior ou menor grau.** O maior grau de inconsciência ocorre na posição indiferenciada coordenada pelo Arquétipo Central, no início de cada elaboração simbólica. A seguir, a consciência insular matriarcal forma ilhas unipolares de consciência, cercadas de inconsciência, assim como as ilhas geográficas são cercadas pelas águas do mar.

Desde o início da elaboração simbólica **a função estruturante transcendente da imaginação começa a ver características nas coisas que ultrapassam sua literalidade. Inicia-se assim, a simbolização** que estrutura a consciência com a capacidade da metáfora.

Durante a elaboração simbólica pela posição polarizada patriarcal o Ego se relaciona com as polaridades bem constituídas. Ao invés de ilhas temos agora sistemas dentro da totalidade. A capacidade de simbolização aumenta porque a organização patriarcal libera os símbolos das ilhas e relaciona as polaridades em terra firme. A polarização da posição Ego-Outro impede a intimidade Ego-Outro e a formação das ilhas e, com isso, organiza a atuação Ego-Outro em polaridades que resistem ao apego matriarcal e são muito mais abrangentes que este. Ao invés de termos uma ilha com a relação Ego-filho, temos uma polaridade com a relação Ego com a criança bem comportada e a mal comportada. Desta maneira amplia-se a elaboração da relação do Ego com a criança de maneira a se integrar o que é certo e o que é errado se fazer com ela, e elabora-se um sistema pedagógico.

A posição insular matriarcal coordenou nossa relação com a natureza durante mais de 180 mil anos, como povos nômades, caçadores-coletores, dentro de uma perspectiva mágico-mítica. A superioridade da posição organizadora patriarcal, que se tornou dominante com o assentamento dos povos iniciada aproximadamente há 20 mil anos atrás, teve um rendimento tão superior ao matriarcal que transformou o *homo sapiens* no agente da civilização.

No entanto, a contenção da posição insular matriarcal pela posição polarizada patriarcal asfixiou muitas funções e símbolos estruturantes preciosos e formou uma grande Sombra. Foi a revelação da posição dialética de alteridade, há mais de 2.000 anos atrás, que começou a reintegrar a posição matriarcal junto à patriarcal e reequilibrar o Self Cultural com a elaboração da Sombra patriarcal.

Desta maneira, temos que reformular a noção de progresso e de civilização oriunda do grande desenvolvimento patriarcal que dominou o Planeta em função de uma sabedoria maior e menos formadora de Sombra, que é o paradigma do Arquétipo da Alteridade. Para tanto, é imprescindível reconhecermos a formação da Sombra tanto no paradigma matriarcal quanto no patriarcal, na alteridade e na totalidade. Esse é um dos grandes desafios do nosso curso. Uma das maneiras de fazê-lo é estudando as culturas tribais não industrializadas de dominância matriarcal, como a cultura dos Gagudju no norte da Austrália, o que faremos na aula de 5ª feira próxima.

Uma boa semana a todos,
Byington

Agradeço aos que se lembraram de me enviar a foto e relembro aos colegas citados abaixo, que **enviem suas fotos digitalizadas, assim que for possível:**

**BEATRIZ BRANDÃO
CAROLINE GERALDE ARAUJO
DANIEL GIL GOMES
DÉBORA ALVES ROCHA
ELIANA TEODOORO
ELISABETE LANDMANN
GISELE VIEIRA
JOSILI RAMOS NOGUEIRA FLEURY
LARISSA LAINETI DE CERQUEIRA DIAS
PEDRO CARVALHO SANTOS
SERGIO FERNANDO DAS NEVES
SIMONE ANDRÉIA COELHO FRENKELIS**

PAULA CAROLEI

JULIANA P. SANTOS CARDOSO